

Do estranho.

Em nao importa que nivel de reflexao sobre a existencia, ("quem sou? aonde estou? aonde vou? de onde venho?"), o pensamento esbarra contra o problema do outro. Nao importa se focalizo tais questoes do ponto de vista psicologico, politico, social, religioso ou outro, sempre esbarrarei contra tal problema. A questao da identificacao implica a da diferenciacao, a da identidade implica a da diferenca. O "eu" implica o "tu", porque se ninguem me chamasse de "tu", eu nao poderia chamar-me de "eu". Verdadeira torrente de literatura tem sido escrita sobre isto. Mas o assunto e inesgotavel. A "crise da identidade" e crise permanente. Isto porque o proprio ato de assumir-se: "sou eu e nao sou o outro", e "ato critico", ato que define, distingue, discrimina. Os termos "crise", "critica", "criterio" e "crime" tem, todos, raiz comum que significa "distinguir, fazer diferenca". A crise da identidade e insuperavel, porque "crise da identidade=identidade enquanto crise". Em outros termos: identificar-se e crime. Perguntar "quem sou?" e criminoso.

E curioso observar que o aspecto criminal do problema da identificacao nao tem sido salientado pela literatura. E como se o crime que subjaz a afirmativa "sou pai, sou universitario, sou burgues, sou catolico, sou brasileiro" deve ser encoberto para que seja esquecido. E como se houvesse conspiracao tacita para calar o crime. Pois eis que sai um livro, "Le Bouc emissaire" de Rene Girard, Editions Grasset, Paris 82, que enfrenta, corajosamente, o lado criminal da identidade. Nao exatamente nos termos nos quais acabo de colocar o problema. Mas em termos que provocam no leitor a relembranca do crime da identificacao, tanto no sentido historico, ("como se assumem sociedades"), quanto no sentido biografico, ("como me assumi na infancia"), quanto no sentido existencial, ("como me assume, sempre de novo, em contexto dado"). A leitura do livro e "reveladora" no sentido exato do termo.

Eis, em poucas palavras, a tese do livro: Toda sociedade e sujeita a crises, quando a ordem da sociedade, as regras que ordenam as relacoes sociais, se desintegra. Por exemplo: pestes, secas, enchentes, terremotos. Em tal situacao critica a sociedade se transforma em massa amorfa, em "turba". Pois a turba estabelece relacoes desordenadas: pais devoram filhos, filhos violentam maes, homens fornicam com animais, amigos se matam. Todas as "diferencas sociais" se deluem, e perde-se a identidade. Por isto pouco adiantaria se se conhecesse a causa da crise: a doenca, a falta ou o excesso de chuva, o movimento telurico causador do terremoto. Nao ha mais ordem social que permitisse fazer face a tais causas. O que e preciso e fixar, nao a causa do desastre, mas o culpado por ele. A turba se lancara sobre o culpado para mata-lo. Isto permitira a turba de distinguir-se do culpado: o culpado e o "outro" da turba, o estranho, o estrangeiro. Restabelecida a diferenca, pode ser restabelecida a identidade. A crise pode ser superada. O assassinato em massa e a fundacao da nova ordem.

Isto confere a vitima do crime coletivo, ao "bode expiatorio", a tipica ambiguidade do sacro. Enquanto culpado pela crise, (pelo "caos"), o "bode expiatorio" e o diabo; enquanto fundador da ordem nova, (do "cosmos"), e ele o heroi cultural, o deus. O outro, o "estranho", e sacro, porque e diferente, e tal diferenca e simultaneamente negativa, (nega-me), e positiva, (permite que me afirme). Segundo o autor isto e o tema de todos os mitos, desde os mais "primitivos" ate os mais elaborados.

No entanto, dizer que o bode expiatorio e o tema de todos os mitos e te-los criticado. Os mitos nao afirmam que tratam do bode expiatorio, porque se o afirmassem, nao seriam mitos. Nao dizem eles que tratam de vitima inocente, (e "bode expiatorio" significa "vitima inocente"). Dizem, pelo contrario, que tratam de vitimas culpadas, e que ninguem, nem a propria vitima, duvida da culpa. O mito de Edipo Rei nao afirma que Edipo e vitima inocente, mas que por ter dormido com a mae e matado o pai e ele culpado pela peste em Tebas. E a critica que constata que Edipo e bode expiatorio, e que foi escolhido para ser vitima por ser diferente: manca. E o mesmo vale para todos os mitos: os de Teotihuacan, os vedicos, os africanos, os germanicos, os sudamericanos. E somente se criticarmos os mitos que descobriremos tratarem, todos, da perseguiçao do diferente na busca da identificacao, que sao, todos eles, mitos do estranho.

Como exemplo do mecanismo mitico o autor cita Guilherme de Machaut e a maneira como este explica a peste do seculo 14. Os culpados pela peste sao os judeus que invenenaram os rios. Sao os culpados, embora nao possam ser a causa. O seculo 14 nao dispunha de veneno poderoso e abundante para poder contaminar rios. A peste continuou matando depois do exterminio dos judeus. Os proprios judeus morriam de peste. Tudo isto, Guilherme de Machaut o sabia. Mas isto nao o perturba, porque o que ele esta fixando nao e a causa, mas a culpa. Os judeus sao obviamente culpados por serem diferentes. Por serem diferentes, os judeus sao sacros: matam com veneno, (peste), e depois saram com veneno, (medicos judeus). Nao e Machaut que afirma terem sido os judeus "bodes expiatorios", e a critica literaria que o afirma. E Machaut nao esta "mentindo": pensa ele magicamente, enquanto a critica literaria pensa causalmente. O que nao exime Machaut de ter participado de crime.

O autor insiste sobre a responsabilidade criminal de Machaut, dos tebanos, dos mexicanos. O pensamento mitico-magico nao exime da responsabilidade. A prova disto e o que o autor chama a "historia dos mitos". Os mitos nao sao imutaveis, mas evoluem. Ha mitos mais e menos primitivos. E evoluem no sentido de esconder o crime do qual tratam. No mito primitivo de Romulo, este e matado pela turba. No evoluido desaparece ele nas nuvens. No mito primitivo de Baldr, este e matado pela turba, no evoluido morre por acidente. Os mitos primitivos sangrentos, (Kronos etc.) vao sendo censurados poeticamente e esteticamente. O crime vai sendo encoberto. E o mesmo vale para os ritos, essa incenacao dos mitos. Vao sendo expurgados. O rito mexicano de arrancar coracoes e mais primitivo que o rito classico grego. Os etnologos estao enganados, (ou sao hipocritas), quando "desculpam" os selvagens. E como se desculpassem Hitler. O "pensamento selvagem" se sabe criminoso, e procura esconder essa consciencia, "reprimi-la". A consciencia magico-mitica e "ma consciencia".

Mas, admitidamente, Machaut e Hitler sao mais responsaveis pelos seus crimes que os romanos e mexicanos. E isto por causa do judeo-cristianismo. A Biblia e sobretudo os Evangelios, se distinguem dos mitos, com efeito: sao anti-mitos, porque o bode expiatorio, a vitima inocente, e seu tema declarado. Nos livros sacros judeo-cristaos o bode expiatorio e o "significado", nos mitos e ele o "significante". Os livros sagrados sao critica de mitos: revelam o que os mitos escondem. Abel e o oposto de Baldr, Jesus o oposto de Edipo, porque sua inocencia e afirmada. Revelar

o mito, afim de destrui-lo, e o proposito do judeo-cristianismo.

Pois tal mensagem do judeo-cristianismo, ("o estranho é inocente"), vai penetrando muito lentamente, mas inexoravelmente, a consciencia da humanidade. Continuamos, todos, pensando e agindo miticamente: transferimos, todos, a culpa sobre o outro. Mas, simultaneamente, o judeo-cristianismo vai provocando em nos a consciencia da criminalidade dos nossos pensamentos e atos. Machaut e Hitler se distinguem dos romanos e mexicanos pelo fato que "sabem" que o bode expiatorio, os judeus, não é como Edipo, mas como Jesus, e que reprimem tal "saber", o qual é "cientifico" no sentido correto do termo. Machaut e Hitler sabem que, ao perseguirem os judeus, estão agindo anti-cientificamente. E este saber eles o devem ao judeo-cristianismo. Para poder reprimir sua má consciencia, re-mitizam o judeo-cristianismo. Por exemplo dizendo que os judeus mataram Jesus, afim de transformarem a turba perseguidora em vitima perseguida. Mas tal transformacao da mensagem judeo-crista em seu contrario aumenta ainda a má consciencia: porque Machaut, Hitler etc. estão perfeitamente conscientes que o judeocristianismo afirma que "todos" mataram Jesus, que "todos" continuam matando Jesus, que "ninguem" sabe o que esta fazendo ao faze-lo, e que dizer que os judeus mataram Jesus e continuar matando ele. A situacao atual se caracteriza, segundo o autor, por tal violenta dialectica entre o pensamento judeo-cristao e o pensamento mitico que se passa na consciencia da humanidade. Na medida em que a nossa consciencia vai ficando sempre pior, as nossas perseguicoes vão ficando sempre mais violentas.

Podemos, depois de fechado o livro de Rene Girard, nutrir duvidas quanto ao acerto da sua tese. Será que todos os mitos tratam, efetivamente, da perseguicao ao estranho? Será que a mensagem do judeo-cristianismo é, efetivamente, a "boa nova" que o estranho é inocente? Em outros termos: será que, efetivamente, o problema do estranho, da alteridade, está na raiz de toda e qualquer religiosidade? Mas tais duvidas não diluem em nada o impacto do livro sobre a mente de quem o leu. O livro coloca o problema da identificacao no contexto criminal, e isto é, efetivamente, desmitizar o problema. "Assumir-se" é tido ato nobre. O livro mostra que a nobreza do ato é mito. Inegavelmente, tal "revelacao" sacode.

Procurarei reformular a tese do livro nos termos do primeiro paragrafo deste artigo. Há situacoes "primordiais", caoticas, nas quais tudo se confunde. Não há diferencas. (Tais situacoes podem ser historicas, como podem ser fases da minha vida.) Em tais situacoes procuramos estabelecer diferencas. Buscamos o estranho. Historicamente: procuramos alguém que seja manco, ou ruivo, ou que tenha lingua diferente da nossa. Procuramos um monstro, uma anomalia. Encontrado o estranho, assumimo-nos face a ele. Assumimos a norma enquanto identidade. Identificamo-nos como sendo normais, face a enfermidade do estranho. Pois tal separacao entre o estranho e o normal é ambigua e odiosa. Ambigua, porque o estranho, por ser anormal, é mau, e porque, por ser ele anormal, permite ele estabelecer a norma. E a separacao é odiosa, porque leva a perseguicao do estranho, e a sua posterior divinizacao enquanto fundador da norma. E este modelo ambiguo e odioso da identificacao vale para todos os individuos, e todas as sociedades. E graças a tal modelo que os homens se assumem sempre e em toda parte. Somos o que somos, porque odiamos, perseguimos, e divinizamos<sup>os</sup> o que não somos.

Mas existe outro modelo para podermos identificar-mos. O modelo que o autor chama "judeo-cristianismo". E que eu prefiro chamar de "intersubjetivo". O modelo consiste, no fundo, na procura de um estranho em situacao caotica, que nao seja objeto de diferenciacao, mas o polo oposto do caos. Que nao seja um "ele", mas um "tu". Segundo tal modelo, assumir-se e assumir-se diferente do diferente, assumir-se enquanto estranho do estranho. Identificar-se passa a ser assumir a propria estranhez face ao estranho. Tal diferenciacao e identificacao por cima do caos, tal "dialogo", dialogo este "sobre o caos", leva a sacralizacao, nao mais do estranho, mas da propria relacao estabelecadora da diferenca. Interpretando o autor do livro em discussao, tal relacao diferenciadora, normalizadora, ordenadora do caos, seria o Deus do judeo-cristianismo.

Nao sei ate que ponto esta minha leitura do "Bouc emissaire" concorda com a intencao do livro. Menos ainda sei ate que ponto tal leitura concorda com a critica dos mitos e do judeo-cristianismo. O que sei, no entanto, e que concorda com varias descobertas, recentes, no campo da psicologia, da sociologia, da etnologia, e de varias disciplinas das ciencias naturais, e sobretudo, que concorda com o "espirito do nosso tempo". Espirito este que salienta a relacao, e desacentua o contexto objetivo. A sociedade nao mais e vista enquanto conjunto de individuos, mas enquanto tecido de relacoes, e o individuo nao e mais visto enquanto elemento da sociedade, mas enquanto no de relacoes intersubjetivas. Identificar-se enquanto individuo e aplicar o modelo mitico, ambiguo, odioso. Identificar-se enquanto no de relacoes e aplicar o modelo intersubjetivo. Identificar-se enquanto o outro do outro, o estranho do estranho. O autor do "Bouc emissaire" diria que tal acentuacao atual de relatividade e relacionalidade e sintoma da lenta concientizacao do judeo-cristianismo. Seja. O que importa e que tal novo tipo de identificacao em funcao do outro e do estranho sugere que os bodes expiatorios vao se transformando em cordeiros. Cordeiros estes que carregam os pecados do mundo, nao no sentido de transferi-los em outra parte, mas no sentido de fazer com que os pecados desaparecam, que sejam desmitizados. Porque, no fundo, a identificacao intersubjetiva e a desmitizacao da culpa, e o estabelecimento de uma relacao no alem da culpa. Estabelecimento, em outros termos, de sociedade no "alem do bem e do mal", fundada sobre o mutuo reconhecimento. Mas isto, por certo, nao passa de utopia. E demasiadamente estranho.

Best. 1608 Nr. 2864